



Instituto Federal de Alagoas- IFAL  
Pós-graduação em História de Alagoas  
Professores orientadores: Prof. Dr. Amaro Hélio Leite da Silva e Prof. Dr. Luiz Sávio  
de Almeida

MARINEIDE DA SILVA MELO

**A CONSTRUÇÃO DA MUDANÇA NA HISTORIOGRAFIA INDÍGENA DE  
ALAGOAS**

Maceió AL

2022

MARINEIDE DA SILVA MELO

**A CONSTRUÇÃO DA MUDANÇA NA HISTORIOGRAFIA INDÍGENA DE  
ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) apresentado ao Curso de Especialização em História de Alagoas. Do Instituto Federal de Alagoas - Maceió, como parte dos requisitos necessários a aprovação do curso.

Orientador (a): Prof. Dr. Amaro Hélio Leite da Silva e Prof. Dr. Luís Sávio de Almeida.

Maceió AL

2022



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
*Campus Maceió*  
*Biblioteca Benevides Monte*

---

M528c Melo, Marineire da Silva  
A construção da mudança na historiografia indígena de Alagoas / Marineide da Silva Melo - 2022  
18 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Amaro Hélio Leite da Silva  
Co-orientação: Prof. Dr. Luiz Sávio de Almeida


Artigo Científico (Especialização em História de Alagoas) -  
Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió, Maceió, 2022.

Arquivo no formato digital em PDF do trabalho acadêmico.

1. Indígena 2. Índios - Alagoas. 3. Coleção Índios do Nordeste. 1. Título.

CDD: 981.35

---

  
Natália Maria Amaral  
Bibliotecária - CRB-4/989

MARINEIDE DA SILVA MELO

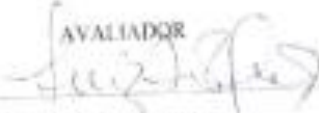
A CONSTRUÇÃO DA MUDANÇA NA HISTORIOGRAFIA INDÍGENA DE  
ALAGOAS

Artigo científico apresentado ao curso de especialização em História de Alagoas do Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió, como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de Especialista em História de Alagoas.

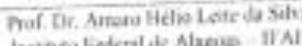
Aprovada em 07/07/2022.

BANCA EXAMINADORA

AVALIADOR

  
Prof. Dr. Luis Sávio de Almeida  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

 INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS  
MACEIÓ

  
Prof. Dr. Arnau Hélio Leite da Silva  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

AVALIADOR

  
Prof. Dr. Doraíson Silva Barbalho  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

## INTRODUÇÃO

Terminamos a graduação, mas não nos aprofundamos nas questões indígenas. Alguns anos depois, ensinando a disciplina de história em uma escola pública do nosso estado, observamos que os livros didáticos não contemplavam os povos locais e, em grande parte, não falavam das questões atuais, ou seja, não colaboravam para o entendimento acerca das dificuldades que os povos indígenas viveram e ainda vivem.

Quando tivemos conhecimento da oferta de pós-graduação em História de Alagoas, vimos a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre eles. cursando as primeiras disciplinas, com o conhecimento da *Coleção Índios do Nordeste: temas e problemas* – e mais conscientes acerca das nossas limitações como pesquisadores –, nos propusemos a estudar as mudanças ocorridas em Alagoas, na abordagem da temática indígena, sobretudo enfocando a Coleção mencionada.

### OS POVOS INDÍGENAS DE ALAGOAS DO SÉCULO XIX

Utilizamos o século XIX como ponto de partida dessa discussão por considerá-lo fundamental para compreendermos um pouco dos desdobramentos atuais da questão indígena em Alagoas. Para isso, sugerimos que os interessados façam uma leitura do livro *Os índios nas falas e relatórios provinciais das Alagoas*, organizado por Luiz Sávio de Almeida (1999). Como o próprio título sugere, o autor apresenta em seu trabalho informações contidas nos documentos das diversas Presidências de Província que governaram a Província das Alagoas. Além dos textos presidenciais, essa obra contém um comentário introdutório sobre os mesmos.

Para o que nos interessam, estes documentos é parte do discurso oficial e senhorial sobre os índios alagoanos e, por isso, a grande importância em viabilizar a consulta. Podemos verificar a unidade com que resguardam o discurso oficial sobre terra e trabalho, daí partindo para diversos outros componentes do conflito estabelecido e seguindo, também, para a necessidade de acabar com os aldeamentos, no que se

---

<sup>1</sup> Graduada em História e Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas, professora da Rede Municipal de Maceió e Estadual de Alagoas. Atualmente aluna do curso de especialização em História de Alagoas do Instituto Federal de Alagoas.

implica acabar com a chamada propriedade de terras por parte dos índios, uma espécie de direito caricato. Em relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial em 1869, o Dr. José Bento da Cunha, presidente da Província de Alagoas, diz que “já officiei ao Governo Imperial sobre a conveniência da extinção das aldeias que temos em número de oito” (p. 72). Tudo se concretizou três anos depois, quando foram extintas as aldeias da Província de Alagoas.

No mesmo ano da extinção dos aldeamentos em Alagoas, foi criada a Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Como o principal meio de divulgação de estudos e pesquisas sobre Alagoas, durante um bom tempo da vida intelectual do nosso estado, indo, inclusive, para boa parte da vida do século XX. Inaugurou-se, assim, a historiografia alagoana que terá uma abordagem definida sobre os índios, retirando-os do contexto de correlação de forças políticas. Nesse sentido, comenta o professor Luiz Sávio de Almeida:

A historiografia alagoana quando se formaliza, trabalha o índio como elemento que não estava no cenário político. A uma liquidação legal, correspondeu uma liquidação historiográfica e isso transparece nos primeiros números da Revista do Instituto Histórico. Ele aparece por via de seu passado e não por via de sua atualidade. É, assim, por exemplo, que vai para a condição arqueológica (...) Vai para a condição linguística (...) (1999, p. 18).

Desse modo, os povos indígenas vão aparecer na revista como personagens da história do país, mas não haverá espaço de discussão das questões do momento. Segundo Barbosa, em sua dissertação de mestrado (2016), “sua produção será responsável por inaugurar temas canônicos para a História do território convencionalmente alagoano, contemporaneamente debatidos” (p.22). O que o Instituto discutia e produzia seriam os documentos históricos que seriam estudados no futuro. Os índios estavam, portanto, existindo no arcaico. Sobre isso Maria Regina Celestino de Almeida (2012) denuncia que

Os intelectuais debatiam o tema, comungavam com essas ideias e contribuía para fortalecê-las, construindo histórias nas quais os índios eram valorizados em períodos anteriores, enquanto desconsideravam os grupos coevos presentes e atuantes nas sociedades nas quais se inseriam. Razões políticas, ideológicas e socioeconômicas articulavam-se, portanto, na construção de discursos e imagens sobre os índios que contribuía para lhes retirar o papel de sujeitos históricos (p.22).

Silva Júnior (2013) também, em sua dissertação de mestrado (que foi publicada da Coleção Índios do Nordeste), explica a questão:

No campo da História, observa-se a relação entre o silêncio oficial, sobre a presença indígena na região e a ausência de trabalhos sobre a temática, algo que sugere uma relação de dependência do historiador com a documentação oficial, considerando a dificuldade em rastrear a história indígena em um período em que havia escassos registros pelo Estado. É como se nesse período os índios perdessem o papel, mesmo de atores coadjuvantes, no palco da História, que ocupavam no período colonial e imperial (p. 41).

E por um tempo, o silenciamento permanece, até que, nas primeiras décadas do século XX, surge o trabalho sobre Rodrigues Pitanga; e, posteriormente, na década de 60, a primeira tentativa de ver os índios junto à formação da história de Alagoas, o que se dá a partir de Abelardo Duarte, em *Tribos, Aldeias e Missões*, veiculado nas páginas da Revista do Instituto Histórico de Alagoas. Somente no adentrar do século XX, década de 70, temos o trabalho que passa a ter uma feição moderna, atualizada, com Clóvis Antunes e Nuse Mendonça.

Clóvis e Nuse fazem um trabalho de investigação sobre as populações indígenas que viviam em solo alagoano, iniciada em 1978, com o patrocínio do então governador Divaldo Suruagy e publicação em 1984. Trata-se de uma pesquisa pioneira cujo objetivo é conhecer os índios da atualidade, que vai dar origem a dois livros. Segundo professor Sávio em entrevista a nós concedida

O Clóvis é a primeira pessoa a apontar a necessidade de reconhecer grupos indígenas que estavam reaparecendo. Clóvis é extraordinário como demonstração de uma mudança que vai ocorrer: a esquerda católica através do Clóvis vai fazer isso. É a partir desses dois livros do Clóvis, que se vislumbra mudança (p. 04)<sup>2</sup>

Desde a introdução do seu documentário Clóvis Antunes chama atenção para a questão do desaparecimento dos aldeamentos, apontando como uma das causas “a falta, e até mesmo o não reconhecimento da demarcação de suas terras pelos colonizadores no tempo do Brasil-Colônia, e particularmente, pelo Governo do Brasil-Império” (p.6) comprovando também a luta do povo indígena de Alagoas pela aprovação dos seus direitos. Antunes faz uma importante denúncia:

---

<sup>2</sup> Entrevista com o professor Dr. Luiz Sávio de Almeida. Publicada em O Dia Alagoas, 15 a 21 de agosto de 2021.

Ainda hoje, os indígenas alagoanos de Porto Real do Colégio, de Palmeira dos Índios, de Cocal, de Olho D'Água do Meio, de Feira Grande e Terra Nova de São Sebastião, reivindicam, com provas em documentos históricos, suas terras que lhes foram demarcadas por posse imemorial de sesmaria ou doação, e que posteriormente lhes foram usurpadas (p. 6).

Assim, Antunes é a primeira pessoa na historiografia de Alagoas a escrever sobre as questões políticas que os indígenas enfrentavam, tornando sua pesquisa fundamental para aqueles que desejam compreender o tema.

### **A Coleção Índios do Nordeste: temas e problemas**

Mais adiante, o professor Sávio, juntamente com os pesquisadores Edson Silva e Marcos Galindo, decide organizar um seminário e convidar pessoas que estavam pesquisando a temática indígena no Nordeste. Esse evento realizado em 1999, sob o tema, *Etno-história indígena do Nordeste* é um marco para as transformações que acontecerão na historiografia dos índios de Alagoas e principalmente, para a criação da *Coleção Índios do Nordeste*. O professor Sávio comenta como isso aconteceu:

Conheci um professor do Recife que era engajado no movimento indígena: Edson Silva. Disse a ele que tinha vontade de estudar a questão indígena, aprender um pouco sobre o assunto e ele tinha ligações com o Conselho Indigenista Missionário; decidimos fazer um encontro nordestino, com o pessoal que estudava os índios do Nordeste e quem vai dar apoio é a Fundação Casa do Penedo: ela está no começo de tudo (p. 03)<sup>3</sup>.

Durante o encontro em Penedo apresentaram-se trabalhos de pesquisa que o grupo estava realizando. O evento também foi importante no sentido de criar relações com instituições como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que era engajado nas questões dos povos indígenas. Ficou combinado entre os organizadores que eles criariam um veículo de informações para divulgar os trabalhos de pesquisas sobre os índios do Nordeste.

Em *Memória das Ciências Sociais em Alagoas: índios, cotidiano e Etno-história* (2018) publicado no volume XVII da Coleção, Amaro Hélio Leite da Silva, escreve sobre a Coleção e atuação do grupo *Índios de Alagoas: cotidiano e etno-*

---

<sup>3</sup> Idem nota 2.

*história*, tornando-se a principal referência para se conhecer esse período, junto às entrevistas com os professores Luiz Sávio de Almeida e o autor do livro mencionado, realizadas durante a fase de estudos e levantamento de documentos e bibliografias para construção desse artigo. As entrevistas foram feitas através do Google Meet, devido ao período de pandemia de Coronavírus. Posteriormente, a entrevista com o professor Sávio foi publicada no jornal *O Dia*, em três semanas seguidas.

Conforme o professor Sávio (2021), o primeiro livro da Coleção não foi publicado de imediato porque a editora da universidade não conseguia atender a alta demanda dos congressos que estavam acontecendo, por causa das poucas verbas disponíveis. Depois do seminário em Penedo, o professor Sávio, em conversa com Jorge Vieira – pertencente ao Conselho Indigenista Missionário (CIMI), comenta da necessidade de realizar uma pesquisa entre os Karapotó, para documentar a vida indígena.

Ele, o Jorge, disse que queria fazer o trabalho; o CIMI precisava levantar dados porque pouco se conhecia sobre a realidade indígena, a vida e a organização nas aldeias. Então eu preparei um questionário. Esse material todo se perdeu... Preparei um questionário e Jorge conseguiu, então, arremeter uns vinte estudantes; treinei esses estudantes e nós fomos, gerando, desta forma, o que ficou sendo chamado de Censo Karapotó, realizado na Aldeia Tingui, ali nas vizinhas de São Sebastião e, também, em povoado vizinho, porque tinha índio aldeado e índio não-aldeado. Havia também Karapotó entre os Kariri-Xocó e foram abrangidos no tal Censo (p.03)<sup>4</sup>.

Ainda dentro dessa pesquisa, o professor Sávio conversa com três índios, entre eles um cacique. A intenção era registrar o que o índio dizia sem que houvesse uma fala intermediária. Ao concluir a pesquisa é publicado o livro: *Dois dedos de prosa com os Karapotó*, que não entra na Coleção porque o primeiro número não havia sido publicado. Um segundo livro ficou pronto, ainda fora da Coleção, dessa vez resultando de uma pesquisa sobre a presença indígena nas falas dos presidentes das províncias, já citado neste trabalho. O professor Sávio conta como surgiu esse volume:

Ele (o livro) foi a Casa do Penedo que financiou, porque ela me emprestou a leitora de microfilmes, mandou comprar todos os microfilmes da Biblioteca Nacional, me deu bolsa de estudo para três

---

<sup>4</sup> Idem nota 2.

ou quatro alunos para ficarem trabalhando os textos que eu passasse para a digitação (p.04)<sup>5</sup>.

A partir desse material produziu-se, com recurso da Casa de Penedo, o livro *Os Índios nas Falas e Relatórios Provinciais das Alagoas*, cujo conteúdo demonstra as formas de dominação e o propósito de ocupar as terras indígenas utilizando-as em trabalhos forçados. É uma obra importante no sentido de facilitar a consulta aos documentos do período provincial para pesquisadores que precisam estudá-la.

Enquanto isso, na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a temática indígena era pesquisada pela professora Silvia Martins, que vai fazer sua tese de doutorado sobre os índios de Palmeira dos Índios (2003). E começa a dar apoio formal através das bolsas de estudo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) para alguns estudantes pesquisarem o tema. Então, é a professora Silvia Martins que inicia os estudos sobre os indígenas dentro da Universidade, e ainda orienta Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). O professor Sávio lembra esse período:

Nesse tempo, eu ainda não havia dado qualquer bolsa do PIBIC. Acontece que a Silvia vai fazer o doutorado dela no Canadá e eu tinha uma boa relação com os bolsistas que ela mantinha, porque eram alunos de Ciências Sociais; pelo que lembro, nenhum aluno que era de História havia entrado com bolsa do PIBIC para trabalhar com índio e eu era professor do Departamento de Ciências Sociais, de Sociologia (p. 04).

Nessa saída de Silvia Martins, o professor Sávio – seguindo seu exemplo – começa a ofertar bolsas de estudo do PIBIC. A princípio, para os alunos de Ciências Sociais; depois essa oferta se amplia aos estudantes de História também. Na sequência, ele cria o grupo *Índios de Alagoas: cotidiano e etno-história*. Para participar do grupo exigia-se principalmente o compromisso com a causa indígena, disciplina e dedicação aos estudos e ao trabalho de campo. Como também o de não discutir sobre faccionalismo interno das comunidades, nem interferir em assuntos religiosos.

Segundo Silva (2018) “o grupo entendia que era preciso não só conhecer a realidade dos nossos índios, mas (re)conhecer também a sua luta política em defesa dos seus territórios tradicionais e de suas etnias, além dos problemas sociais e econômicos” (p. 26). Os alunos pesquisadores percebiam que não se tratava apenas de estudos, mas também de um compromisso político. É o que se percebe na entrevista de Fabiano

---

<sup>5</sup> Idem nota 2.

Duarte Machado, em *Memória das Ciências Sociais em Alagoas*: “O que fazia a gente se manter no grupo de estudos Índios de Alagoas e, de certa forma, essa lealdade com ele (professor Sávio), era porque a gente entendia esse compromisso político dele, não era só questão teórica” (SILVA, 2018, p. 125).

Assim, na visão de Amaro Leite em entrevista a nós concedida, os índios não seriam objeto de pesquisa, mas sujeitos de sua história. Essa foi, certamente, a marca dos trabalhos desenvolvidos por esse grupo e o diferencial presente na *Coleção Índios do Nordeste*.

A ideia que o índio não é mais objeto é um compromisso político com a causa indígena, e a possibilidade de subsidiar esse movimento. A coleção índios do Nordeste surge como uma concretização dessa postura acadêmica e política do grupo Índios de Alagoas. A coleção vem como uma virada na forma de estudar os índios de Alagoas, a coleção é uma forma de dar visibilidade, mostrar a produção sobre os povos indígenas e de ser instrumento político desses povos e, da causa do movimento indígena, não é por acaso que você vai encontrar na coleção texto de estudantes e professores que fizeram parte do grupo indígena de Alagoas, além de índios, lideranças indígenas, e inúmeros intelectuais que tinham o compromisso com a causa indígena<sup>6</sup>.

Além do grupo de estudos e das publicações, o professor Sávio passa a ensinar a disciplina eletiva: *Índios de Alagoas* na Universidade Federal de Alagoas e a organizar seminários e palestras trazendo não só as questões indígenas, como também o próprio índio para a universidade. Para o professor “Não se tratava mais de (...) apenas dar bolsa de estudos, realizar seminários ou coisas assim: agora se estava diante da grade curricular, pressionando a trazer um elemento novo para dentro do Centro, enquanto temática de estudos” (p. 03)<sup>7</sup>.

A *Coleção Índios do Nordeste* faz parte de uma teia de ações e ligações que vão sendo construídas, à medida que o professor Sávio se articula com a Casa de Penedo, o CIMI, a Universidade e o grupo de estudos. Tudo isso vai se integrar ao movimento indígena construindo uma narrativa com o compromisso com a causa indígena. Segundo o professor Amaro, o “índio passa a ser parceiro na vida acadêmica e no

---

<sup>6</sup> Entrevista com o professor Dr. Amaro Hélio Leite da Silva, concedida a Marineide da Silva Melo, através do Google Meet, Maceió, 07 de junho de 2021.

<sup>7</sup> Entrevista com o professor Dr. Luiz Sávio de Almeida. Publicada em O Dia Alagoas, 29 de agosto a 4 de setembro de 2021.

movimento”, uma vez que os indígenas não apenas passam a receber os pesquisadores na aldeia, mas eles próprios contam a sua história na universidade, sob seu ponto de vista. Falando sobre a Coleção, o professor Sávio nos diz:

Existe a coleção? Existe. Mas não é ela o fundamental, apesar de toda a sua importância. Ela só existe por ser parte de uma mudança no comportamento de integração da vida acadêmica com os povos indígenas. Através deste nosso trabalho, ao invés de se falar sobre índio, passamos a viver com ele e esta é uma mudança significativa. Tudo vem em decorrência disto (...). Esta construção do espaço político passa a ser, então, o fundamental. Claro que não se poderia falar pelo índio, nem se pretenderia ser índio, nas no espaço político que foi sendo construído, havia a igualdade, havia a ligação de sujeitos iguais. E, então, era esta igualdade que era o fundamental, este novo espaço que aproximava sujeitos, guardava homogeneidade política, o máximo possível (p. 03)<sup>8</sup>.

Nesse sentido, o movimento indígena ganha aliado e mais visibilidade, no entanto, é importante pontuar que a resistência indígena e a luta pelo direito à terra sempre existiu. A Coleção surge para instrumentalizar e fortalecer esse movimento. Como bem pontua o professor Amaro,

Paralelo a isso você tem os indígenas que constrói uma rede de alianças Interétnicas entre os povos indígenas, entre a universidade, essa rede de alianças vai ser fundamental para o reconhecimento desses povos e para dar visibilidade às suas reivindicações. E por fim você tem a Constituição de 1988 que vai garantir, através dos artigos 231 e 232, o reconhecimento desse povo indígena, como uma cultura diferenciada, e ao mesmo tempo legitimar, garantir a demarcação das terras indígenas, embora a gente saiba que a execução dessa demarcação, ainda hoje estamos esperando<sup>9</sup>.

O grupo de estudos *Índios de Alagoas: cotidiano e etno-história* realizou muitas pesquisas nas aldeias, “gerando uma documentação imensa de gravações de entrevistas, de relatórios. Somente a quantidade de material gravado forma uma importantíssima documentação sobre a vida das etnias” (ALMEIDA, 2021, p. 2). Além disso, “ajudou também a formar não apenas profissionais e pesquisadores, mas ajudou também a formar sujeitos políticos comprometidos com os problemas do povo, em particular com

---

<sup>8</sup>Entrevista com o professor Dr. Luiz Sávio de Almeida. (parte II) Publicada em O Dia Alagoas, 22 a 28 de agosto de 2021.

<sup>9</sup> Idem nota 6.

os problemas dos índios alagoanos” (SILVA, 2018, p. 47). Teve espaço na Coleção o trabalho de vários estudantes como Aldemir Barros, Christiano Barros, Gilberto Geraldo, Amaro Hélio, só para citar alguns. Dentre eles, Amaro Hélio, enquanto estudante de Ciências Sociais se liga ao professor Sávio através da orientação do TCC, tornando-se um estudioso da temática indígena. Com trabalhos publicados na Coleção, aparece agora como um dos organizadores, desde o volume VIII, junto ao professor Sávio.

### **Fases da Coleção índios do Nordeste: temas e problemas**

A *Coleção Índios do Nordeste* já tem mais de vinte anos. Ao longo desse tempo, ela vem mudando, conforme as demandas observadas pelos seus coordenadores, também para incorporar os trabalhos de pesquisa feitos pelos estudantes. No início da Coleção, havia a necessidade de dar visibilidade ao movimento indígena, segundo Almeida (2021)

Os volumes eram pensados com artigos internacionais... Tinha uma parte nacional, parte do Nordeste e tinha material sobre Alagoas. A Coleção começa assim, com esta feição. Fora esse primeiro volume que era composto por trabalhos apresentados lá em Penedo (p.04)<sup>10</sup>.

Já no volume II, é possível conhecer um texto escrito pelo indígena José Nunes de Oliveira, cujo texto *Um pouco da minha vida* resgata uma parte da história de sua etnia Kariri-Xocó. Com suas memórias, desde as vivências infantis e conhecimento transmitido pelos mais velhos do seu povo. Outro relato, não menos importante, é o da indígena Maria das Dores de Oliveira, no volume IV, *Da invisibilidade para a visibilidade: estratégias Pankararu*, é uma referência para falar sobre identidade indígena. “Seu texto é uma reflexão sobre a natureza do cotidiano Pankararu e como este cotidiano explicita a identidade” (ALMEIDA; SILVA, 2004, p.1).

Na sequência, o trabalho de orientação do professor Sávio, vai dar origem a dissertações e teses fundamentais sobre as comunidades indígenas locais, que a partir do volume V da Coleção serão publicados para o conhecimento dos povos indígenas de Alagoas, resultado das bolsas e do trabalho do grupo de estudos. Uma mudança que se

---

<sup>10</sup> Idem nota 1.

observa desde a capa dos livros, a partir do volume VI, evidenciará a temática dos indígenas de Alagoas, enquanto o tema da Coleção continuará, em tamanho reduzido. O compromisso com a causa indígena de Alagoas é observado a cada obra. Mesmo assim, é importante reafirmar que a Coleção não era a principal ação dos organizadores, para Almeida (2021) “a *Coleção Índios do Nordeste* não faz sentido se não for entendida a circunstância em que tudo se desenvolvia. Por outro lado, ela jamais poderia ser proposta como o termo central do processo; era apenas um dos caminhos da produção acadêmica”(p. 03)<sup>11</sup>.

O volume VI da Coleção merece destaque por se tratar do resultado de uma parceria realizada entre o professor Sávio e a Dra. Rosana Quintella Brandão Vilela que pediu a ajuda do professor para interpretar questões sociais que surgiram em sua pesquisa com famílias de pacientes com anemia falciforme. Segundo a Dra. Rosana “ele fez um ultimato: participaria, desde que a gente também ajudasse na saúde do grupo de índios” (SILVA, 2018, p. 68). Essa parceria foi muito importante pelo trabalho social, realizado entre os Xucuru-Kariri, que resultou no livro da Coleção *Xucuru-Kariri: saúde na Fazenda Canto*. Sendo também premiado nacionalmente. Segundo o professor Amaro (2021) “eles fazem um apanhado das doenças e das condições sanitárias na fazenda Canto, dos Xucuru-Kariri. Esse livro foi um instrumento de denúncia importantíssimo junto ao ministério público sobre as condições de vida do povo Xucuru-Kariri”<sup>12</sup>.

Nos próximos livros teremos grandes contribuições do grupo de estudos *Índios de Alagoas: cotidiano e etno-história*, demonstrando um amadurecimento dos estudos e pesquisas sobre os índios de Alagoas e do próprio grupo. Como a dissertação de sociologia do professor Amaro: *Serra dos Perigosos: guerrilha e índio no sertão de Alagoas* (volume VII da Coleção). “Sendo, inclusive, tema de estudo da Comissão da Verdade em Alagoas, que apurava os crimes políticos da Ditadura Militar dos anos 1960” (SILVA, 2018, p.35). Outra contribuição do grupo é a dissertação *Aldeando Sentidos*, de Aldemir Barros da Silva Júnior, já citado neste trabalho. Oferece um panorama a respeito da questão indígena, falando da condição de aldeados, em seguida desaldeados por imposição da lei, e das estratégias de sobrevivência desses grupos.

---

<sup>11</sup> Idem nota 7.

<sup>12</sup> Idem nota 6.

Os últimos volumes da Coleção reforçam a preocupação dos seus organizadores e dos autores dos textos com as questões indígenas mais atuais, a exemplo da relação indígena com a pandemia e com os outros grupos sociais marginalizados. Este é o caso dos livros *Índios e Pandemia* (Volume XX) e *Aldeia e Terreiro* (Volume XXI).

No caso do volume *Índios e Pandemia: “até o Ouricuri tem que esperar”*, traz uma série de textos que foram produzidos por diversos indígenas sobre o modo como esses povos viviam a fase de isolamento social por causa da Covid-19. “A pandemia do novo Coronavírus contraria radicalmente o modo de vida indígena, na medida em que exige distanciamento social para uma parcela da população acostumada a viver, essencialmente, a partir das relações comunitárias” (SILVA e ALMEIDA, 2021, p.19).

É o primeiro livro da Coleção, e também em Alagoas, composto por textos escritos exclusivamente por indígenas. Sendo também um veículo importante de denúncia sobre a política do governo relativa aos povos indígenas. Sempre prezando pela qualidade e caráter acadêmico dos textos. Esse livro mostra uma nova fase da Coleção, que evidencia o desenvolvimento acadêmico e protagonismo dos povos indígenas de Alagoas.

Outros temas fundamentais para estudo das populações indígenas de Alagoas serão encontrados na Coleção, como por exemplo: educação, saúde, direito, política, rituais, etnia, terra e poder. Isto demonstra sua longevidade e diversidade temática, pois já são mais de vinte e dois anos produzindo sistematicamente. No dizer de Silva

Há uma diversidade de autores e instituições que contribuíram para a formação da coleção, entretanto não deixamos de considerar aquilo que para nós continua sendo o maior problema indígena: a luta pela terra e pela afirmação étnica. Entendemos que se não levarmos em conta esses elementos – seja para escrita da história, seja para a luta política do movimento indígena – qualquer compreensão sobre a história dos índios de Alagoas fica incompleta (SILVA, 2018, p.37).

## CONCLUSÃO

Ao longo da nossa pesquisa, observamos que pouco foi produzido pela historiografia em Alagoas, sobre os índios em nossa formação histórica, o que, a nosso

ver, começa a mudar, qualitativa e quantitativamente, com o fortalecimento do movimento indígena e com as parcerias estabelecidas entre ele, a universidade e movimentos sociais. Grosso modo, a mudança mencionada pode ser datada a partir da década de 80 do século XX.

Nesse contexto de mudança, tem-se os trabalhos pioneiros de Clóvis Antunes e Nuse Mendonça. Na universidade, aparecem as pesquisas de Vera Calheiros (doutorado) e Silvia Martins (mestrado). Posteriormente, irá surgir o grupo de estudo *Índios de Alagoas: cotidiano e etnohistória*, do qual provém a *Coleção Índios do Nordeste*, objeto desse nosso estudo e, também, responsável por transformações na abordagem de pesquisa, assumindo, claramente, compromisso com a causa indígena.

A Coleção vai ser um dos instrumentos para o movimento indígena, ao publicar textos de natureza acadêmica e, também, textos produzidos por indígenas. No seu percurso, a Coleção teve fases, mudando a sua formatação. A partir do volume 5 se detém em Alagoas, sobretudo por existir um corpo de autores capazes de produzirem dentro das propostas de orientação do grupo de estudo mencionado. Ela investe, inclusive, na publicação de monografias vindas de dissertações de mestrado. Nesse sentido, o grupo e a Coleção geram um novo corpo de autores e apresentam uma quebra, uma mudança radical na forma como era tratada a questão indígena. Isto somente será possível em face de um compromisso político que se delineia no que é chamado de movimento indígena. Note-se, que não prevalece o academicismo. Amplia-se o universo do movimento, agora levando a refazer-se a escrita, e a consideração do índio como categoria política, não mais existindo a herança da inteligência imperial e parte da república, o índio como apenas um registro de memória. A escrita passou a considerá-lo como elemento na correlação de forças políticas. Além do mais, ele que era invisível passou a ser discutido em uma disciplina específica dentro do Departamento de Ciências Sociais.

As transformações que estamos estudando, redundam do fato de que novos instrumentos de ação foram incorporados ao movimento indígena, de uma acentuada mudança na habilitação de novos estudiosos e do entendimento de um compromisso político. A Coleção Índios do Nordeste jamais poderia ser entendida sem este contexto que estamos a discutir.

A história dessas mudanças deve ser aprofundada. Pouco se tem escrito sobre a memória das Ciências Sociais em Alagoas. Este nosso trabalho apenas desejou demonstrar as características das mudanças ocorridas na escrita, e que todas elas estavam politicamente orientadas para o compromisso com a causa indígena. Além do mais deve ser considerada a integração de outros setores acadêmicos.

Com isto desejamos dizer que essa uma mudança somente ocorreu, e somente poderia ocorrer dentro de uma pluralidade de ações que tiveram seus fundamentos na iniciação de novos autores e na geração de uma quantidade considerável de pesquisas em forma de relatórios sobre a permanência em campo, material não publicado e de considerável importância para o estudo da história do movimento indígena em Alagoas, no qual a Coleção foi uma parte, sem dúvida, importante, mas para ser entendida é preciso ir aos momentos da vida política no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CHLA). A Coleção parte desse momento de renovação e ela, não pode ser vista exclusivamente pelo campo histórico, mas pelas outras abordagens incorporando setores do CHLA como, por exemplo, o de Sociologia e o de Antropologia.

O estudo desse momento do CHLA mostrará o quanto de renovação se teve, o que se deve pensar nas consequências da redemocratização, sinal de que, singularmente, o que se passa com os índios passa a ser exemplar. A renovação que foi a *Coleção Índios do Nordeste* começou com a possibilidade de integração entre pessoas e objetivos, e esta integração com a causa indígena inexistia antes e foi trabalhosa e cotidiana, onde deve ser ressaltada a atividade do movimento estudantil e, também, dos que dedicaram horas de suas vidas a estarem nos aldeamentos. Estes grupos indígenas foram privilegiados: os Xucuru-Kariri e os Kariri-Xocó. Faltava a possibilidade de maior abrangência, mas se compensava com a presença de diversos encontros que tiveram a marca do CIMI em Alagoas.

Não temos conclusões formais para apresentar, mas desejamos deixar em evidência as mudanças das relações políticas. Foi o que aconteceu com a transformação que estamos a comentar. Por outro lado tomamos a liberdade de sugerir que o movimento seja de fato estudado para que mostre as reais personagens e as reais consequências. Sem dúvida, as reais personagens são o movimento indígena e a redemocratização do país; foram muitos os que estarão anônimos, mas evidentes no movimento. A Coleção é uma das saídas. Significou mudança, mas não esgota o que foi

o momento vivido, embora ela possa representar o detalhe importante, a somar-se a inúmeros outros, alguns dos quais mencionamos.

A continuidade desse nosso estudo seria uma análise do que foi publicado nos diversos volumes da Coleção. O que ela trouxe de novidade, como trouxe e como respondia as solicitações do momento. Finalizamos dizendo que nosso estudo teve, além de trabalhar o que se propôs como objetivo direto, a finalidade de abrir a necessidade para que se escreva como se deu o movimento indígena em Alagoas, não em busca de uma memória, mas sobretudo, de significado histórico.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Luiz Sávio (Org.). Os Índios nas Falas e Relatórios Provinciais das Alagoas. Maceió: EDUFAL, 1999.

ALMEIDA, Luiz Sávio de. SILVA, Christiano Barros Marinho da. Índios do Nordeste: temas e problemas 4 (Org.). Maceió: EDUFAL, 2004.

ALMEIDA, Luiz Sávio de. O professor Luiz Sávio de Almeida e os estudos sobre índios em Alagoas. Entrevista concedida à Marineide da Silva Melo. O Dia Alagoas, Alagoas, Número 443, Ano 009, p. 2-4, 15 a 21 de agosto de 2021.

ALMEIDA, Luiz Sávio de. O professor Luiz Sávio de Almeida e os estudos sobre índios em Alagoas (II). Entrevista concedida à Marineide da Silva Melo. O Dia Alagoas, Alagoas, Número 444, Ano 009, p. 2-4, 22 a 28 de agosto de 2021.

ALMEIDA, Luiz Sávio de. O professor Luiz Sávio de Almeida e os estudos sobre índios em Alagoas (III). Entrevista concedida à Marineide da Silva Melo. O Dia Alagoas, Alagoas, Número 445, Ano 009, p. 2-4, 29 de agosto a 4 de setembro de 2021.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo. Revista História Hoje, v. 1, no 2, p. 21-39 – 2012. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/307691639\\_Os\\_indios\\_na\\_historia\\_do\\_Brasil\\_no\\_seculo\\_XIX\\_da\\_invisibilidade\\_ao\\_protagonismo](https://www.researchgate.net/publication/307691639_Os_indios_na_historia_do_Brasil_no_seculo_XIX_da_invisibilidade_ao_protagonismo)> Acesso 05 de março de 2022.

ANTUNES, Clóvis. Índios de Alagoas: documentário. Maceió: EDUFAL, 1984.

BARBOSA, Felipe da Silva. Do topos ao trópus: a representação dos grupos étnicos indígenas no IHGAL (1875 – 1901). Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-graduação em História. Maceió, 2016.

DUARTE, Abelardo. Tribos, aldeias & missões de índios nas Alagoas: considerações sobre o contingente indígena e sistematização dos seus grupos históricos e sobreviventes. Separata da Revista Instituto Histórico de Alagoas, Vol. XXVIII, ano de 1968. Maceió - AL: Imprensa Oficial, 1969.

SILVA, Amaro Hélio Leite da Silva, ALMEIDA, Luiz Sávio de Almeida. Índios e pandemia: “até o Ouricuri tem que esperar!”. Maceió: CBA Editora, 2021.

SILVA, Amaro Hélio Leite da. Memória das Ciências Sociais em Alagoas: índios, cotidiano e etno-história. Maceió: CBA Editora, 2018.

SILVA, Amaro Hélio Leite da. Entrevista concedida a Marineide da Silva Melo. Através do Google Meet. Maceió, 7 de junho de 2021.

SILVA JÚNIOR, Aldemir Barros da. Província dos trabalhadores tutelados: trabalhadores indígenas diante do poder político e econômico na Província das Alagoas ( 145-1872) , Aldemir Barros da Silva Júnior. Salvador, 2015. Disponível em: TESE de SILVA JUNIOR 2015. pdf. Acesso em 01 de Fevereiro de 2022.